

ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA NAS TERRAS DE NÁRNIA: CARTAS DE C. S. LEWIS SOBRE OS ADVENTISTAS

✉ Patrick Vieira Ferreira¹

Resumo: Este artigo analisa uma breve referência aos Adventistas do Sétimo Dia em cartas de C. S. Lewis a uma “senhora americana”. C. S. Lewis foi professor de Literatura Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge. Tornou-se altamente respeitado neste campo de estudo em toda a Europa, tanto como professor quanto como escritor romancista, poeta, crítico literário, ensaísta e apologista cristão britânico. É surpreendente e ao mesmo tempo alentador que ele tenha tido contato com alguma parte da interpretação profética adventista e também tenha sido tocado pela sinceridade de algum membro da igreja adventista. Suas preciosas cartas a Mary nos deixam pérolas de sensibilidade e nos apresenta um vislumbre da graça de Deus alcançada em períodos de sofrimento.

Palavras-chave: Adventistas; C. S. Lewis; biografia; evangelismo; cartas a uma senhora americana.

Abstract: This article analyzes a brief reference to Seventh-day Adventists in letters from C. S. Lewis to an “American lady.” C. S. Lewis was Professor of Medieval and Renaissance Literature at the University of Cambridge. He became highly respected in this field of study throughout Europe, both as a teacher and as a novelist, poet, literary critic, essayist, and British Christian apologist. It is astonishing and at the same time heartening that he has come into contact with some part of the Adventist prophetic interpretation and has also been touched by the sincerity of some Adventist church member. His precious letters to Mary leave us pearls of sensitivity and presents us with a glimpse of the grace of God achieved in times of suffering.

Keywords: Adventists. C. S. Lewis; Biography; Evangelism; Letters to an American lady.

1. Doutorando em Psicologia da Educação pela PUC-SP, Mestre em Educação pela UMESP, possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Adventista de Educação do Nordeste e graduação em Teologia - Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, especializado em Gestão Educacional e Capelania Escolar. Coaching Profissional certificado pela Sociedade Latino Americana de Coaching. Atualmente trabalha na Associação das Igrejas Adventistas na Zona Leste de São Paulo. E-mail: patrick.ferreira@ucb.org.br

* **Autor correspondente:** patrick.ferreira@ucb.org.br

Submissão: 05/08/2021

Aceite: 27/11/2021

Como citar

FERREIRA, P. V. Adventistas do Sétimo Dia nas terras de Nárnia: Cartas de C. S. Lewis sobre os adventistas. *Práxis Teológica*, v. 18, n. 1, p. e1554, 2022. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2022v18n1.e1554>

Um dos grandes desafios da evangelização contemporânea é como alcançar as grandes massas de indivíduos secularizados. As pessoas pós-modernas acham a igreja chata, irrelevante, fraca em criar laços de amizades sinceras e faminta por dinheiro. Alguns chegam a pensar que a igreja padece do mal de falta de inteligência. Dentre aqueles que estão quase inacessíveis ao Evangelho encontram-se os pesquisadores e professores universitários, pessoas que, no geral, encontram-se em ambientes científicos e acadêmicos influenciados pelo naturalismo e teorias evolucionistas.

É interessante saber que houve um período em que as Faculdades e Universidades, que atualmente possuem grande prestígio internacional, serviam a fins religiosos. A Universidade de Harvard, por exemplo, fundada em 1636, foi estabelecida com a intenção de formar ministros e, embora no início do século XIX alguns professores universitários estivessem avançando em favor da causa científica, seu principal propósito continuava sendo o de instruir os alunos nos clássicos e ensiná-los lições de teologia e filosofia moral que os prepararia para a cidadania e à vida.

Contudo, em especial nas instituições de elite, os professores começaram a pensar em si mesmos como cientistas e estudiosos cuja principal tarefa era procurar a verdade, em vez de continuar propagando o dogma religioso. Sob pressão da indústria e do Estado para produzir descobertas científicas que resultariam em progresso tecnológico e reforma social, os professores se reconfiguraram como pesquisadores especializados em suas áreas de estudo. Publicaram suas descobertas, formaram estudantes de pós-graduação, estabeleceram seus próprios critérios para avaliar o trabalho acadêmico e exigiram a liberdade de perseguir a verdade mesmo contrapondo-se às autoridades religiosas ou políticas.

Desse modo, a liberdade acadêmica foi institucionalizada. Muitos centros de ensino superior romperam os laços com as denominações religiosas, e as reformas que começaram no topo logo se espalharam. Em meados do século 20, mudanças adicionais ocorreram à medida que as matrículas dispararam e estudantes e professores de uma variedade de origens étnicas, religiosas e de classes entraram no sistema. Buscando legitimidade, esses novos participantes da área acadêmica se protegeram adotando ainda mais os ideais universalistas da ciência e opondo-se ao valor religioso.

Em pesquisa recente, Gross e Simmons (2007), professores universitários foram entrevistados e convidados a selecionar a declaração que mais se aproxima de expressar suas opiniões sobre Deus. Cerca de 10% escolheram a afirmação “eu não acredito em Deus”, enquanto 13,4% escolheram a afirmação: “não sei se existe um Deus, e não acredito que haja alguma maneira de descobrir”. Em outras palavras, cerca de 23,4% dos entrevistados eram ateus ou agnósticos. Esse número é muito maior do que o encontrado para a população dos Estados Unidos como um todo. A última pergunta foi feita aos norte-americanos pela General Social Survey (2000). Naquela época, apenas 2,8% dos entrevistados disseram não acreditar em Deus, enquanto 4,1% disseram que não sabiam se Deus existia e acreditavam que não havia como descobrir.

Um indivíduo secularizado é aquele que acredita que todas as coisas acontecem a partir de uma causa para um efeito dentro de um ciclo histórico. Ou seja, tudo o que acontece na vida ocorre sem a intervenção sobrenatural. Essa pessoa nunca aceita a intervenção de Deus ou de quem quer que seja em questões de sua vida, se julga autônoma, ou seja, ela faz as suas próprias leis. Já que para ela não existe o sobrenatural, e se os seres humanos basicamente decidem a respeito do seu destino, então a razão do ser, os valores e a verdade dependem de cada situação; o que é verdadeiro para essa pessoa, pode ser errado para outra. Entendem que chegamos nesta Terra, vivemos por um breve tempo e partimos. Não há significado para nada do que fazemos, não há nenhuma recompensa ou acerto de contas depois da vida. Assim sendo, não importa o que alguém escolha ou faça, tudo acabará bem, desde que ninguém se machuque. Ter a mente secularizada, não quer dizer, necessariamente, que se é ateu. Essas pessoas podem crer em Deus, mas envolver-se com Ele nas decisões de cada dia e nas ações da vida não é prioridade para elas. Assim,

difícilmente participam de serviços religiosos, têm seus próprios valores e se interessam profundamente em questões sociais e causas filosóficas. Geralmente são introspectivas e pensadoras. Por fim, não veem o cristianismo como sendo uma opção viável e têm uma visão naturalista do mundo ([FERREIRA, 2012](#)).

UM PERSONAGEM INUSITADO

Agora, imagine comigo um professor universitário que teve uma vida complexa, difícil, e ocasionalmente trágica. Experiências desse tipo ocorridas na vida de um ser humano tendem a levá-lo a questionar ainda mais a existência de um Deus. Esse indivíduo, durante a infância, foi instruído à rotina de ir à igreja e de orar, já que sua mãe, mesmo tendo uma mente crítica e irônica, provinha de uma família de clérigos e advogados e era filha de um pastor protestante. Porém, infelizmente, morreu de câncer antes que seu filho completasse dez anos, e esse incidente doloroso marcou a vida dele. Seu pai, sem ter condições de educar os filhos, tomou a decisão de enviá-lo junto com seu irmão mais velho a um rigoroso internato inglês e lá teve que conviver com a solidão e o autoritarismo ([MCGRATH, 2014](#)).

Durante a sua mocidade se sentiu fortemente atraído pelo ocultismo, embora nunca chegasse a praticá-lo. Tornou-se um exímio leitor dos poemas homéricos em seu idioma original, um péssimo estudante de matemática e um admirador das obras de arte. Dominava também o francês, o alemão, o italiano. Admirava a mitologia nórdica e ouvia com fascinação música de estilos revolucionários para a sua época ([EDWARDS, 2007](#)).

Já em sua juventude e em seu íntimo, estava completamente seguro de que Deus não existia ([LEWIS, 1998](#)). Seu ateísmo se desenvolveu bem cedo, chegou a dizer: “Não acredito em nenhuma religião”, e continuou: “não há absolutamente nenhuma prova para nenhuma delas, e do ponto de vista filosófico, o cristianismo não é nem sequer a melhor. Todas as religiões, ou seja, todas as mitologias, para lhe dar seu nome correto, são simplesmente um invento do homem” ([LEWIS, 2005, p. 130-131](#)).

Para piorar sua experiência, eram os tempos da primeira guerra mundial e teve que se alistar no exército. Foi gravemente ferido em combate depois de sobreviver a uma série de explosões, mas viu um grande amigo morrer e teve que enterrá-lo ali mesmo em um campo e continuar a ver o grande morticínio ao seu redor. Casou-se tarde e, infelizmente, teve que ver sua esposa, lentamente, perder uma longa luta contra o câncer ([MCGRATH, 2014](#)). É natural que alguém que tenha uma experiência tão dolorosa continue a alimentar um sentimento de revolta, maior ceticismo e incredulidade. Esse jovem teve que pensar sobre grandes questões da vida, porque isso lhe foi forçado por suas próprias experiências.

Formando-se com louvor em letras e literatura aos 22 anos em Oxford, onde estabeleceu morada, no seu tempo, foi celebrado como um dos maiores especialistas do mundo em literatura inglesa. Também se formou em teologia e linguística. Tornou-se professor em Oxford e Cambridge e suas palestras ficavam lotadas com estudantes ansiosos, que devoravam cada uma de suas palavras. Tornou-se instrutor de filosofia na University College e no ano seguinte foi eleito membro do Magdalen College, onde era instrutor de Língua Inglesa e Literatura. Fez parte do corpo docente e serviu de consultor literário e teólogo da Universidade até sua morte. Foi autor de dezenas de livros sobre literatura medieval, poesia e romances. Por fim, foi um dos escritores e filósofos mais memorável do seu tempo ([WARD; WILLIAMS, 2016](#)).

As perguntas que surgem a partir dessa breve biografia são: como evangelizar alguém que tenha tido experiências tão profundas e marcantes que fariam qualquer um questionar suas crenças? Ou como levar o Evangelho a alguém tão renomado e aparentemente inacessível?

Você certamente ficaria surpreso em saber que a história do personagem se refere a Clive Staples Lewis, comumente mais referido como C. S. Lewis. Um dos escritores mais conhecidos do século XX. Lewis é lembrado hoje principalmente por duas coisas. Primeiro, ele é reverenciado como o autor dos

sete romances que compõem *As Crônicas de Nárnia*. Esses livros, especialmente, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*, se tornaram clássicos da literatura inglesa. A trilogia *As Crônicas de Nárnia* nos mostra o poder das histórias bem contadas em cativar a imaginação e abrir algumas das maiores questões sobre a existência humana, como a forma que nos tornamos pessoas boas e como descobrir o sentido da vida. O segundo motivo por que Lewis é lembrado hoje é por causa dos seus escritos cristãos. Lewis, como já dito, era um ateu convicto em sua juventude e teve seu interesse pela religião por causa do sofrimento e destruição que viu ao seu redor. No entanto, durante anos, ele reconsiderou sua posição e, gradualmente, chegou à conclusão de que a crença em Deus era a forma mais satisfatória de ver as coisas. Lewis conta como ocorreu a mudança em seu coração em uma série de livros best-seller: o mais notável dessa série é *Mero Cristianismo*.

É fascinante perceber que não há limites para o poder transformador do Evangelho. Com isso, quero levantar mais uma questão: será que C. S. Lewis teve algum contato com a mensagem adventista? Teve ele oportunidade de conhecer a respeito da grande esperança da volta de Jesus por um adventista do sétimo dia? Você também ficaria surpreso em saber que sim. Essa é a parte mais interessante de uma história pouco conhecida.

RELATOS DE UMA CONVERSA ÍNTIMA

No final dos anos 1930, Lewis sentiu que Deus queria que ele respondesse a todas as suas correspondências. Ele reconheceu que tanto seu tempo quanto seus talentos pertenciam a Deus e deveriam ser usados para fazer a Sua vontade (RICHARDSON; THACKERAY, 2008). Nessa época, ele havia escrito dois livros cristãos (*O Regresso do Peregrino* e *Além do Planeta Silencioso*) e recebeu a carta de um leitor. Depois de publicar *O problema do sofrimento* (1940) e das transmissões de rádio da BBC na segunda guerra mundial, o volume do correio aumentou dramaticamente. Quando a série de *Nárnia* foi publicada na década de 1950, até as crianças começaram a escrever para ele (LEWIS, 1995).

Eventualmente, Lewis chegou a responder mais de cem cartas por mês. Levantava uma ou duas horas mais cedo que o restante da família para responder ao correio. Suas respostas manuscritas não se baseavam em um modelo ou formulário padronizado. Cada correspondente que procurava um conselho recebia uma resposta cuidadosamente adaptada.

C. S. Lewis lamentou uma vez a seu amigo e advogado, Owen Barfield: “se eu não tivesse tantas cartas para responder, eu teria tempo para escrever outro livro” (OLIVER, 2010)¹. Escrever cartas era uma tarefa tediosa que muitas vezes não parecia o melhor uso de seu tempo ou habilidades. No entanto, Lewis perseverou por obediência a Deus e preocupação com as pessoas que lhe haviam escrito. Enquanto isso, sem o conhecimento de Lewis, Deus usou essas cartas para ministrar, não apenas os destinatários originais, mas inúmeros outros quando coleções de suas cartas foram publicadas após sua morte. Ironicamente, suas cartas se tornaram os livros que ele não tinha tempo para escrever.

Quando em 1950 suas crônicas de *Nárnia* começaram a se tornar populares, Lewis recebeu a primeira de muitas cartas de uma tal “senhora americana”, identificada inicialmente apenas como Mary, hoje se sabe que o verdadeiro nome era Mary Willis Shelburne, uma viúva de Washington, DC. Ela era jornalista, poeta e crítica, quatro anos mais velha que Lewis e recentemente convertida ao catolicismo. Ela tinha problemas de saúde, bem como tensas relações familiares. Ela frequentemente enviava poemas a Lewis para sua crítica e extensas revisões de seus livros. À medida que os correspondentes se tornam amigos, Lewis assume o papel de um conselheiro espiritual durante mais de uma década de grandes provações.

¹ Citado também pelo editor Walter Hooper no prefácio da coleção de três volumes das cartas de Lewis.

Lewis conseguiu escrever para Mary quase mensalmente, a maior parte das quais era a discussão de interesses literários compartilhados, observações sobre padrões climáticos incomuns, breves detalhes sobre o trabalho e situações ocasionais de mútua sátira (como anjos, transporte ou a comercialização do Natal). Apesar da simplicidade, em primeiro plano, da vida de Lewis nas cartas, algumas coisas muito importantes aconteceram. Ele passou de ser um respeitado pensador cristão e crítico cultural para se tornar um autor best-seller. Durante a década de suas cartas ele conheceu, casou e perdeu o amor de sua vida, Helen Joy Davidman (Joy). A brevidade na escrita e o foco de Lewis nos fariam perder todos esses momentos monumentais se não prestássemos atenção. Quase timidamente, Lewis escreveu em 16 de novembro de 1956: “É melhor que você saiba (mas não comente nada, pois ainda não há nada certo) que logo poderei ser, numa rápida sucessão, noivo e viúvo. Poderá haver, na verdade, um casamento no leito de morte” (LEWIS, 2006, p. 79).

As letras são breves, mas não impessoais. Vemos sua alegria, quase incrédulo, quando sua jovem esposa se recupera do câncer. Também ouvimos as dores do luto entre as linhas de sua carta de 18 de outubro de 1959, quando “a maravilhosa recuperação que Joy, em 1957, foi apenas uma suspensão temporária da pena, não o perdão” (LEWIS, 2006, p. 108). Ele exulta com a alegria de Joy em uma viagem à Grécia e fala sobre a solidão que ele sente depois que ela se foi. Apesar de ter sido bastante sociável quando enviou uma nota a Mary de que Joy havia morrido, admitiu na carta que era “como um sonâmbulo” e pede espaço para chorar antes de escrever novamente (15 de julho de 1960). Em apenas algumas palavras riscadas por caneta em uma página, Lewis compartilhou com Mary, uma mulher que ele nunca conheceu, seus momentos de sentimentos mais profundos.

A maior parte da partilha mútua diz respeito ao crescente papel que a doença assume na vida deles. Após a morte de Joy, ambos falam cada vez mais de resfriados, gases, operações dentárias e problemas cardíacos. Na verdade, quase todas as cartas de 1960 – 1963 mantêm essa conversa. É nessa correspondência que vemos Lewis o mentor, o orientador espiritual experiente; em cada luta, Lewis extrai para Mary o potencial para o crescimento espiritual. Ao longo do livro, ele havia feito o mesmo com batalhas interpessoais - a experiência de Mary com valentões e fofocas - e com lutas financeiras. No final, Lewis redobra seu esforço para atrair Mary para mais perto do Cristo que eles adoram juntos. Ele tem coisas pungentes a dizer sobre o perdão, porém seus comentários mais marcantes são sobre a morte. Lewis repreende-a suavemente, dizendo que ela “estava equivocada acerca desse assunto [morte]” (LEWIS, 2006, p. 145) (25 de junho de 1963).

Em meio a diversos assuntos, parece que com apenas mais um risco de sua caneta, surge uma ligeira menção aos Adventistas do Sétimo Dia entre tantas de suas correspondências compartilhadas com Mary, que agora estão compiladas em seu livro *Cartas a uma senhora americana*. Parece que Mary estava no meio daquelas dificuldades pessoais e, escrevendo a Lewis, ela perguntou se ele já havia encontrado os adventistas.

O texto nos dá a entender que algum membro da igreja adventista havia lhe demonstrado amor de alguma maneira. Provavelmente nunca descobriremos a identidade da pessoa que conheceu essa senhora e fez tal impressão sobre ela. Também não sabemos quem era o jovem que foi sensível ao interesse intelectual de um professor em outro país do outro lado do Atlântico. Mary perguntou a Lewis se ele sabia alguma coisa sobre os adventistas do sétimo dia. Lewis respondeu em sua carta de 2 de outubro de 1962:

Jamais consegui descobrir em que os Adventistas do Sétimo Dia creem, apesar de ter tido uma longa conversa com um deles outro dia, um professor de engenharia elétrica de seu país. Receio que essa crença esteja muito misturada a tentativas de interpretar as profecias do Livro de Daniel - o que não é, na minha

opinião, uma tarefa muito profícua. Mas ele era um jovem excelente, doce como mel e absolutamente sincero. Também não era bobo (LEWIS, 2006, p. 133).

Nessas poucas palavras percebemos quão importantes são as primeiras impressões. Não sabemos em que circunstâncias e em qual momento da vida de Lewis esse “professor” adventista apareceu. Será que confortou Lewis em relação à doença de sua esposa? Ou lhe consolou na dor da morte dela? Poderia ter sido um aluno de sua classe de literatura medieval ou até mesmo um soldado no campo de batalha? Não o sabemos. O que sabemos é que esse jovem lhe testemunhou sobre sua crença nas profecias de Daniel e que ao fazê-lo não perdeu a sutileza, excelência e sua sinceridade ao expressar sua fé.

Isso já nos deixa uma lição extremamente importante. Em um mundo onde todos querem defender seu ponto de vista, seja político, econômico e principalmente religioso com unhas e dentes, uma atitude humilde pode causar efeitos positivos inimagináveis. Tal qual foi o que se produziu na mente desse renomado professor universitário de Oxford. Talvez devêssemos perdoar o comentário de Lewis sobre o estudo do livro de Daniel. Certamente não concordaríamos com a conclusão dele a respeito da sabedoria de estudar o livro. Até porque teríamos dificuldade em explicar nossa fé e estilo de vida sem fazer referência à nossa visão apocalíptica.

Em uma carta posterior, Mary deve ter compartilhado mais sobre o (s) adventista (s) que ela conheceu. Lewis respondeu em 26 de outubro de 1962: “O que você diz sobre os adventistas do sétimo dia me interessa profundamente. Se eles têm tanta caridade, deve haver algo muito correto neles” (LEWIS, 2006, p. 134).

A leitura do texto antecedente nos dá a entender que Mary estava sofrendo com a morte de um cachorrinho. Após expressar sua ignorância sobre a criação dos animais, a parcial incapacidade humana de entender o sofrimento, Lewis declara sua admiração na sabedoria de Deus ao nos colocar em relação íntima com essas “criaturas”, então faz referência aos Adventistas.

Mary foi uma poeta bem-sucedida, ocupando uma posição na elite da sociedade poética da Virgínia assim como sendo membra da Poetry Society of America e seguiu ganhando prêmios por suas poesias. Contudo, caiu em duros tempos financeiros depois de se autossustentar ao longo da vida. Inicialmente, Lewis não era capaz de ajudá-la financeiramente por causa das leis que o proibiam de enviar dinheiro para a América. Eventualmente isso mudou, e em 1958 ele estabeleceu um salário mensal para Mary, por meio de seu editor americano, que continuou mesmo depois da morte dele.

O que temos são mais perguntas do que respostas: significa que algum adventista auxiliou essa senhora no cuidado com o cachorro? Também a consolaram na dor do luto? Será que algum membro adventista também lhe apresentou a mensagem profética? Não temos respostas a essas questões, mas podemos conjecturar que certamente manifestaram amor para com Mary de tal modo que ela fez questão de escrever a Lewis, contando-lhe sobre a “caridade” demonstrada por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que essas duas cartas trazem o que podemos chamar de “fator X” para uma evangelização bem-sucedida: uma mensagem profética e obras de caridade. Os Adventistas do Sétimo Dia precisam ter convicções incrivelmente fortes sobre como o Senhor os chamou e sobre Seu movimento para compartilhar uma mensagem de verdade sobre Cristo para um tempo como este. Esse mesmo método foi utilizado por Cristo ao se misturar “com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a

confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’” (WHITE, 2006, p. 143). De igual modo foi utilizado pela igreja cristã primitiva: “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações [...] Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (Atos 2:42 – 47); teve resultados na época de Mary e Lewis e ainda funciona.

C. S. Lewis e Mary continuaram suas correspondências sem falar mais sobre os Adventistas do Sétimo Dia, não sabemos se aprofundaram seus relacionamentos com eles, se buscaram conhecer mais sobre a fé adventista, nem qual o alcance do impacto que esses contatos tiveram. Entretanto, é bom saber que Cristo tocou dois indivíduos que passaram por momentos de sofrimento por meio deles (dos adventistas).

REFERÊNCIAS

EDWARDS, B. L. (Ed.). **C. S. Lewis: life, words, and legacy**. Westport, CT: Praeger Publishers, 2007. v. 1.

FERREIRA, O. L. **Secularismo: estratégias evangelizadoras e missão**. 2017. 76f. Tese (Doutorado em Missiologia). Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, 2012.

GROSS, N.; SIMMONS, S. How religious are America's college and university professors?. **SSRC**. 06 fev. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2YkBr66>. Acesso em: 04 jan. 2017.

GENERAL SOCIAL SURVEY, 2000. **The arda**. Disponível em: <https://bit.ly/3hgtB4x>. Acesso em 03 jan. 2017.

LEWIS, C. S. **C. S. Lewis: letters to children**. New York: Touchstone, 1995.

LEWIS, C. S. **Cartas a uma senhora americana**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

LEWIS, C. S. **The collected letters of C. S. Lewis**. New York: HarperCollins, 2005. v. 1.

MCGRATH, A. E. **Conversando com C. S. Lewis**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2014.

MCGRATH, A. E. **The intellectual world of C. S. Lewis**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2014.

OLIVER, C. Letters to an american lady, C. S. Lewis. **Reading to know**. 10 ago. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3l2IsTK>. Acesso em: 03 jan. 2017.

RICHARDSON, M. E.; THACKERAY, C. E. **C. S. Lewis: latter-day truths in Narnia**. Springville, Utah: Cedar Fort, 2008.

WARD, M.; WILLIAMS, P. S. **C. S. Lewis at poets' corner**. Eugene, OR: Canon Vernon White, 2016.

WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: CPB, 2006.